

O arquipélago e a fronteira: a construção da nação e a universalidade das margens

Lúcia Helena Marques Ribeiro¹

Hijo de algún confín de la llanura
abierta, elemental, casi secreta,
tiraba el firme lazo que sujeta
al firme toro de cerviz oscura.

Se batió con el indio y con el godó,
murió en reyertas de baraja y taba;
dió su vida a la patria, que ignoraba,
y así perdiendo, fue perdiendo todo.

.....
Nunca dijo: Soy gaucho. Fue su suerte
no imaginar la suerte de los otros.
No menos ignorante que nosotros,
no menos solitario, entro en la muerte.
(Borges, 2005, p.65)

Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os atos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quase religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer como o logos, na água [...] Como homens, estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo habitat a uns montes de lava que soltam da própria entranha uma substância que nos penetra. A geografia, para nós, vale outro tanto como a história, e não é de balde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar.
(Nemésio apud Gouveia, 1986, p.401)

¹ Graduada em Letras. Mestre em Letras e Doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta de Teoria Literária da Universidade de Brasília.

RESUMO

Este texto pretende propor uma reflexão sobre as particularidades estéticas de autores que tem as suas origens em regiões marcadas pela geografia e pela história singulares, seja pela fronteira e ou pelo insulamento, e que trazem em suas obras, nitidamente gravadas, ideias de pertencimento, de nação e ao mesmo tempo de universalidade.

Palavras-chave: arquipélago, fronteira, pertencimento, nação, universalidade.

The archipelago and the frontier: construction of the nation and the universality of borders

ABSTRACT

This paper aims at proposing a reflection on the aesthetic particularities of authors who belong to regions characterized by their unique geography and history, whether by the frontier or the insulation; and who clearly evoke in their work, ideas of belonging, of nation, and at the same time, of universality.

Keywords: archipelago, frontier, belonging, nation, universality.

Duas paisagens. Um arquipélago, nove ilhas, Graciosa, Santa Maria, São Miguel, São Jorge, Terceira, Pico, Faial, Flores e Corvo, ilhas vulcânicas, mar de profundezas de oito mil metros. O Pampa, uma imensidão cortada por coxilhas ou cerros, paisagem que o Rio Uruguai, fronteira natural, não consegue transformar.

O poema de Jorge Luis Borges, o grande escritor argentino, nos fala dessa figura, metade lendária, metade política, o gaúcho, que habitou e habita o Pampa, uma região sem fronteiras definidas por séculos, ao redor da bacia do Rio da Prata, um pouco Argentina, um pouco Uruguai, um pouco Brasil, e que nos remete a uma reflexão sobre a ideia de *fronteira e pertencimento* assim como o sentido de nação, e o seu significado formado a partir de heranças culturais, por meio de narrativas épicas, que muito contribuíram também para a construção da ideia de identidade, em um lugar que por muito tempo não teve dono, ora português, ora espanhol, e que hoje constitui o estado do Rio Grande do Sul.

Os Açores localizam-se em pleno Atlântico Norte, numa região em que a carta batimétrica acusa uma cordilheira submarina paralela às encostas continentais, dividindo o Oceano em duas grandes depressões: uma próxima à costa americana e a outra próxima à costa europeia e africana. Assim, a população do Arquipélago está sujeita a densos nevoeiros e ventos ciclônicos. Apesar disso, o clima é moderado e a temperatura amena. Sendo de origem vulcânica, o relevo é irregular, seguindo em todas as Ilhas o modelo de um cone, culminando em uma caldeira, rodeada por fortes declives, o que torna o

espaço exíguo para a povoação e para o cultivo da terra, além de estarem suscetíveis a terremotos:

Antes, era o musgo. E, antes, a lava que fora líquida e quente e viscosa ainda. Nem sempre, sobre o mar, a terra existiu aqui. Quando as ilhas surgiram, a paisagem marítima mudou. Poder-se-ão invocar mil convulsões telúricas e outros tantos pavores de fogo e cinza. Mas nada ficou mais bonito do que estas ilhas, nem beleza mais segura se encontrará à face do mar. (OLIVEIRA, 1992, p.124).

O Rio Grande do Sul é a região mais meridional do Brasil e teve as suas fronteiras entre Argentina e Uruguai definidas a pouco mais de 100 anos. Apesar de ser conhecido pela colonização europeia ocorrida a partir do século XIX, o gaúcho tem a sua principal raiz formadora no português açoriano que veio em emigrações dirigidas no século XVIII, mandadas pela coroa portuguesa, com o propósito de povoar as terras das Missões, trocadas com os espanhóis por ocasião do Tratado de Madri em 1750. O açoriano foi o elemento povoador que teve participação nos rumos da história do país e do estado, envolvendo-se nas lutas de resistência à penetração castelhana, fundou cidades, e transformou-se num tipo humano que, misturado ao índio, ao castelhano, e aos paulistas que já abriam caminhos vindos do norte, adaptou-se a uma terra com extensão apenas imaginada, sem limites visíveis, o Pampa, tornando-se um tipo lendário a quem foram atribuídas nas páginas da literatura qualidades míticas, símbolo da sua história cultural e do seu imaginário:

Por esse tempo muito povo descia para o Continente, cujas terras e gados seriam de quem primeiro chegasse. Homens de Laguna, de São Paulo, das Minas Gerais e do planalto curitibano desciam pelos caminhos das tropas. Muitos navegavam os rios em busca de ouro e prata. [...] Muitos requeriam sesmarias. Outros roubavam terras. Ladrões de gado aos poucos iam virando estancieiros. Nasciam povoados nos vales e nas margens daqueles muitos rios [...] as patas dos seus cavalos, suas armas e seus peitos iam empurrando as linhas divisórias do Continente do Rio Grande de São Pedro. Queremos as ricas campinas do oeste e as grandes planícies do sul! Pelos campos do Rio Pardo iam entrando na direção do poente, demandando as Missões. Ou desciam costeando as grandes lagoas, rumo ao Prata. Em todas as direções penetravam na terra dos minuanos, tapes, charruas,

guenoas, caaguas, guaranis e guaranás, a Fronteira marchava com eles. Eles eram a fronteira. (VERÍSSIMO, 1994, p. 64-65).

A produção estética literária da Região Autónoma do Arquipélago dos Açores, assim como a sua geográfica, está para Portugal, mais ou menos como a produção literária e geográfica do Rio Grande do Sul está para o resto do Brasil. Ambas as regiões tem sistemas editoriais bastante produtivos e independentes, com autores que, a par da sua circunstância de cidadãos portugueses ou brasileiros, escrevem de um lugar cujas paisagens e raízes evocam um sentido de margem, de insulamento geográfico e histórico.

Dois autores foram pensados como representantes dessa estética de onde, a partir de regiões ainda em certa medida consideradas margens, se antevê o mundo: Vitorino Nemésio e Érico Veríssimo.

Em julho de 1932, por ocasião do V Centenário do descobrimento do Arquipélago dos Açores, Vitorino Nemésio escreve um texto para a Revista *Insula*, intitulado *Açorianidade*. O texto, com menos de duas páginas, acabou por inaugurar uma expressão que se transformou entre outras coisas, numa referência estética e num conceito que define os elementos que compõem a representação estética do universo açoriano:

Quisera poder enfeixar nesta página emotiva o essencial da minha consciência de ilhéu. Em primeiro lugar o apego à terra, este amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; — e logo o sentimento de uma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar. Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os atos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quase religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer como o *logos*, na água. Somos, portanto, gente nova. Mas a vida açoriana não data espiritualmente da colonização das ilhas: antes se projeta num passado telúrico que os geólogos reduzirão a tempo, se quiserem... (NEMÉSIO *apud* GOUVEIA, 1986. p. 401).

Vitorino Nemésio, poeta, contista, romancista, ensaísta, cronista, historiador da cultura, romanista e professor catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, além de ser autor de numerosas obras, é uma das maiores figuras da literatura portuguesa deste século. Nascido na ilha Terceira, na Praia da Vitória, em 1901, passou a infância entre a casa dos pais e a das tias, onde participa das Festas do Divino Espírito Santo, entre pescadores e caçadores de baleias. Por ter vivido intensamente essa fase da vida, o autor fotografa, na sua

escrita, todos os detalhes dessa convivência com a cultura mais autêntica das Ilhas.

Em 1923 começou a escrever sobre a questão da existência da literatura açoriana. Entende, porém, a questão como essencialmente cultural, visando a necessidade de integração de uma identidade das Ilhas a partir de especificidades próprias que têm a ver com a visão de mundo do ilhéu e que se reflete obrigatoriamente na produção estética. Assim, inspirado na vivência açoriana, escreve a primeira obra narrativa, *O paço do milhafre* (1924). Publica *Varanda de Pilatos* em 1926, e, em 1932, uma recolha de ensaios *Sob o signo de agora*, com temas portugueses e brasileiros. No mesmo ano, cria o termo *açorianidade*, sem pretensões políticas, mas afetivas, oriundas da profunda relação que mantinha com a sua terra.

Na sua experiência como leitor na Universidade de Montpellier, convive com intelectuais franceses e descobre novos valores na cultura europeia, que considerava uma cultura única, sendo a francesa, a portuguesa ou a inglesa apenas variações. Em 19 de agosto de 1942, toma posse como professor catedrático da Universidade de Lisboa. Nemésio teve, ainda, importante atuação no Movimento Presencista, ao lado de nomes como Miguel Torga, José Régio, Adolfo Casais Monteiro, entre outros.

Apesar de confessar-se um escritor por profunda e absoluta vocação, Vitorino Nemésio privilegia a poesia, dado que sempre se considerou, antes de tudo, um poeta. A presença do mar é, como se sabe, inevitável na Literatura do Arquipélago. É, porém, na poesia de Nemésio que ele assume um lugar essencial na consciência e na identidade do açoriano. — O meio açoriano — dizia, — é originalmente partido, fragmentado, feito de terra e mar; mais de mar do que de terra.² Na sua poesia, Nemésio portou-se com a mesma naturalidade como circulou pela religião, pela ciência, pela filosofia. Seus versos indagam da vida, da morte, do efêmero, da eternidade, do amor, com uma capacidade sensorial abundante, necessária, na qual todo o sentimento é exposto quase como um fermento, porém, sem jamais esbarrar no sentimentalismo. O mar, entretanto, é o elo metafísico que aparece por toda a sua poesia, pois é o seu berço, é o elo de ligação e de entendimento da vida:

À beira de água fiz erguer meu Paço
Da Rei-Saudade das distantes milhas:

² Em entrevista apresentada em programa especial realizado pela RTP por ocasião da sua morte em 1978.

Meus olhos, minha boca eram as ilhas;
Pranto e cantiga andavam no sargaço.

Atlântico, encontrei no meu regaço
Algas, corais, estranhas maravilhas!
Fiz das gaivotas minhas próprias filhas,
Tive pulmões nas fibras do mormaço.

Enchi enfusas nas salgadas ondas
E oleiro fui que as lágrimas redondas
Por fora fiz de vidro e, dentro, de água.

Os vagalhões da noite me salvaram
E, com partes iguais de sal e mágoa,
Minhas altas janelas se lavavam.
(NEMÉSIO *Apud* GOUVEIA, 1986, p.65)

De mar e dos seus elementos era feita a sua casa. Aquela que o poeta levava consigo para todos os lados. “A minha casa é concha./ Como os bichos, segreguei-a de mim com paciência:/ Fachada de marés, a sonho e lixos;/ O horto e os muros — só areia e ausência” (GOUVEIA, 1986. p. 55). A sua casa era o mundo. Na mundividência da sua obra, Nemésio confundiu-se com a onipresença do mar. Confessadamente açoriano, não admitia fronteiras; a sua fronteira era o lugar onde estava, transitório; e onde estava, levava sempre a sua porção de ilha e um horizonte de mar. “Quando penso no mar/ A linha do horizonte é um fio de asas/ sou movimento e terra delineada,/ Impulso de pólo a pólo.”/ Por isso a sua poesia foi navio (*Desarvorado navio*), “Tenho a carne dorida/ Do pousar de umas aves/ Que não sei de onde são:/ Só sei que gostam de vida/ Picada em meu coração...” (op. cit., p. 69). E foi, também, gaivota: “Como as gaivotas levo água e ferro no bico:/ Por isso passo e fico” (op. cit. P. 100).

A partir de Vitorino Nemésio, a idéia de *açorianidade* ganhou corpo como modo específico de leitura do mundo, mundividência e sensibilidade literária. O escritor João de Melo, ao refletir sobre a condição da literatura açoriana interroga: “Quais, por exemplo, os traços fisionômicos para que esse rosto literário se pretenda açoriano? Qual a presença que a nossa escrita vem marcando na Literatura Portuguesa, dita continental? Que lugar aí ocupa, ao lado de outras geografias do discurso literário?” (op. cit., p. 12).

Em relação à literatura feita no Rio Grande do Sul, talvez não se tenha exatamente a mesma circunstância da *açorianidade*, na medida em que o “insulamento” se dê num plano menos estético e mais editorial. Mas, ainda

assim, percebe-se um quê de margem no entendimento de algumas propostas estéticas quando tratamos de obras como, por exemplo, *A ferro e a fogo* de Josué Guimarães, *Um castelo no Pampa*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, e mesmo *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo:

Quando me teria ocorrido pela primeira vez a ideia de escrever uma saga do Rio Grande do Sul? Em 1935, quando meu estado comemorou o primeiro centenário da Guerra dos Farrapos? Não sei ao certo. Não creio que ideias como essa nos caíam na cabeça com a força de um raio. É mais provável que comecemos de ordinário com uma nebulosa de origem ignorada, que se mistura com as outras que povoam nossos misteriosos espaço e tempo interiores e aos poucos vão tomando a forma dum mundo. (CADERNOS, 2003, p. 87).

Érico Veríssimo nasceu em 17 de dezembro de 1905, na cidade de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul. O escritor gaúcho não é somente contemporâneo histórico de Nemésio, mas na proposta universalista da sua obra que, mesmo marcada por elementos da geografia humana e cultural de um lugar, também foi ampliada pela experiência das atividades exercidas ao longo da sua vida.

Em 1930 transfere-se para Porto Alegre, onde começa a trabalhar na Revista do Globo e passa a conviver com Augusto Meyer, Mário Quintana, Guilhermino Cesar, entre outros intelectuais, passando a fazer traduções. Em 1932 assume a direção da revista e responsabiliza-se pela seção editorial. Publica a sua primeira obra, *Fantoches*. Segue-se *Clarissa* e *Música ao longe*, pelo qual recebe o Prêmio Machado de Assis, da Companhia Editora Nacional. Dedica-se também a obras infantis como *As aventuras do avião vermelho*, *As aventuras de Tibicuera*, entre outros, e em 1941, a convite do Departamento de Estado Americano, vai aos Estados Unidos dar uma série de conferências que resulta em uma obra *Gato preto em campo de neve*. Em 1943, volta para os EUA para dar aulas e em 1947 começa a escrever o primeiro volume de *O tempo e o vento*, *O continente*. Conclui o projeto todo com *O Arquipélago* em 1962. Lança ainda *O senhor embaixador*, obra na qual demonstra o seu desapontamento com a política externa dos EUA, e *O prisioneiro*, com temática inspirada na guerra do Vietnam. A sua produção é enorme, seus livros são traduzidos para muitas línguas, mas destaca-se ainda a novela *Noite* e o romance *Incidente em Antares* como obras exemplares da narrativa desse autor.

Sou contador de histórias - definia-se - tecendo a saga sulista brasileira, lembrando William Falkner que dizia-se igualmente “Sou um fazendeiro”, exprimindo a atormentada consciência sulista americana:

Cabia, pois, ao romancista descobrir como eram “por dentro” os homens da campanha do Rio Grande. Era com aquela humanidade batida pela intempérie, suada, sofrida, embarrada, terra-a-terra, que eu tinha de lidar quando escrevesse o romance antigo Continente. Talvez o drama do nosso povo estivesse exatamente nessa ilusória aparência de falta de drama. (CADERNOS, 2003, p. 24).

Em *O tempo e o Vento*, Érico Veríssimo relata a história de duas famílias ao longo de dois séculos, os Terra-Cambará, mas buscando, a partir da geografia do pampa, as questões físicas, políticas, estéticas e humanas. Regina Zilberman no texto *Mulheres: entre o mito e a história* (op. cit., p. 108), lembra que Simões Lopes Neto forma o pano de fundo de vários episódios de *O continente*, principalmente, no episódio “A teiniaguá”, quando a lenda da princesa moura (de *A Salamanca do Jarau*) da obra *Lendas do Sul*, serve de inspiração para a personagem Luzia, que se casa com Bolívar, já segunda geração dos Cambará. Érico se vale de mitos locais para desvelar conflitos psíquicos da personagem que vão além da circunstância da pequena Santa Fé, assim como as personagens históricas que não passam de referências para que, o desempenho das personagens ficcionais partam do local para o universal:

Naquele mesmo instante o Dr. Carl Winter – que atravessava a praça com sua passadas lentas e largas – olhava para a casa de Aguinaldo Silva e também pensava em Luzia. Tinha-a na mente tal como a vira no Sobrado na festa de seu aniversário, toda vestida de preto, junto duma mesa, a tocar cítara com seus dedos finos e brancos [...] Que tinha ela de estranho? Talvez os olhos... [...] Possuíam uma fixidez e um lustro de vidro e pareciam completamente vazios de emoção. Winter descobrira que Luzia fitava as pessoas com a mesma indiferença com que fitava as coisas: não fazia nenhuma distinção entre o noivo, uma mesa ou um bule. (VERÍSSIMO, xxxx, p. 321).

Fugindo do fatalismo determinista do século XIX, segundo o qual o meio condicionaria o homem, estudiosos das mais diversas áreas têm procurado determinar as relações entre o meio e o ser humano, e em que níveis interagem. Na bibliografia açoriana não é raro encontrar alguns textos que tentam explicar até que ponto o vulcanismo, o isolamento, a bruma, ou as tempestades, contribuíram para a formação do temperamento dos portugueses que povoaram o Arquipélago. É, contudo, na literatura açoriana *strictu sensu*

que se encontra perfeitamente representada essa relação entre a ilha e o homem:

Como à nau que se afunda ou desarvora
Ébria de sal e vento.
A Terra lhe foi dura, o Mar o amou:
Por isso a gota de água chora
Nos versos que entoou.

Vitorino Nemésio fez um intervalo na sua poesia para escrever *Mau tempo no Canal*, uma narrativa longa e detalhista, também uma saga familiar, a dos aristocráticos Clark-Dulmo, descendentes de industriais ingleses que se estabeleceram na Ilha do Faial, e que a partir dela e dos seus dramas, vai revelando os costumes, as festas religiosas, a vida social, a pesca, a geografia, a história e a relação profunda das gentes da Ilha com o mar. Nemésio cumpriu a sua missão de escritor comprometido com as suas origens. No período em que viveu na Horta, capital do Faial, absorveu muito do ambiente cosmopolita de clara influência inglesa existente lá, Em *Mau tempo no Canal*, transportou para esse ambiente as histórias da Ilha Terceira.

O humanismo de Vitorino Nemésio vinha, sobretudo, das incansáveis leituras que tinha por hábito desde muito cedo, em uma biblioteca que chegou aos quatorze mil livros. Influência assumida foi a dos textos de Dostoievsky, Camilo, bem como do romance inglês e francês. Para Onésimo Teotónio Almeida, “Nemésio é do mundo:

...onde nasce e cresce incessantemente compelido a desvendá-lo mais e mais, é um homem do mundo e o mundo é a Praia da Vitória primeiro, depois a Terceira, ainda depois os Açores e só então Portugal e o mundo inteiro no círculo mais vasto” (ALMEIDA, 1988, p. 14).

Ser alguém do mundo, como se anunciava, era na realidade a visão estética de Nemésio que perpassava na sua obra. A *açorianidade* é, pois, uma via dessa estética literária. Através dela, o autor se comunicava com o mundo naquilo que tinha a dizer literariamente.

O mesmo pode ser dito sobre Érico Veríssimo e a sua obra. A paisagem é a da sua terra e a sua geografia humana. Mas, lendo minuciosamente, descobre-se a universalidade. É o homem e a sua circunstância frente a um tempo e a uma natureza míticos:

Estou longe de ser um regionalista. Mesmo em *O tempo e o vento* usei o mínimo de vocábulos ou expressões originais. (Noto que hoje em dia se escreve muito em mineiro, baiano, pernambucano). Em certo ponto da minha atividade de ficcionista, senti que devia ao Rio Grande do Sul um romance sobre a sua gente, a sua terra e sua história. Mas confesso que ainda me sinto atraído pela vida do homem moderno numa grande metrópole, com todos os problemas do nosso tempo. Outra coisa: um romancista não apenas um memorialista (e presumo ser este o meu caso), não deve ficar preso à querência (e aqui vai uma expressiva palavra gaúcha). *Noite*, novela que não foi compreendida por muitos críticos, mas que considero importante na minha obra, se passa numa cidade que tanto pode ser Porto Alegre como Buenos Aires, Roma ou Madri. (CADERNOS, 2003, p. 39).

Tanto Érico como Nemésio, apresentam em suas narrativas o processo de construção da ideia de nação e como ela surge a partir de uma saga familiar, e de uma região extrema, muito longe do centro de decisões do país e que, apesar disso, acaba por gerar homens que decidirão, não só os destinos da família mas de uma coletividade:

Edward Said almeja essa interpretação secular em seu conceito de “mundanidade” [*worldliness*], no qual “uma particularidade sensória assim como uma contingência histórica... existem no mesmo nível de particularidade superficial que o próprio objeto textual. Fredric Jameson invoca algo semelhante em seu conceito de “consciência situacional” ou alegoria nacional, “em que o contar da história individual e a experiência individual não podem deixar de, por fim, envolver todo o árduo contar da própria coletividade” (BHABHA, 2007, p. 200).

O tempo e o vento, como muitas obras de autores latino-americanos, é uma narrativa que se propõe contar a saga de uma família ficcional, em um tempo ficcional, num espaço histórico-geográfico ficcional, mas que tem como suporte a força de personagens de uma história real, de um tempo e de uma geografia reais os quais testemunharam e participaram da construção de uma nação ou de uma ideia de nação. As fronteiras do sul do Brasil não eram sequer definidas quando as Missões Jesuíticas lá se estabeleceram, quando tropeiros paulistas desciam em busca de gado e portugueses açorianos eram mandados das suas Ilhas para povoar aquele imenso descampado que ia da costa de Santa Catarina até Sacramento, hoje, território uruguaio.

Por muito tempo, a identidade do povo que ocupou e se estabeleceu naquela região de fronteira também era indefinida. A língua era indefinida. A

idéia de nação foi amadurecendo na medida em que os Estados foram se definindo como também as fronteiras. Porém, especificamente, nesse caso, existe uma identidade cultural clara entre o que podemos chamar de povos do Prata: a gastronomia, a música, a relação com o pampa, com o gado, com o clima, etc, que extrapola fronteiras políticas.

Bhabha (2007, p. 203) discute, entre outras coisas, a metáfora recorrente da paisagem como paisagem interior da identidade nacional. No caso dessas narrativas, a fronteira se coloca como paisagem-metáfora. E ela não é só geográfica, é humana e emocional. Esses homens e mulheres que foram conduzidos, seja por políticas povoadoras, seja por desejo de aventura ou apelo da terra a ser possuída, para esse extremo meridional do Brasil, assumiram essa paisagem e se tornaram eles mesmos a fronteira.

A narrativa da obra tece um viés na contramão da construção da nação imaginada na maior parte das narrativas de autores do sudeste e nordeste do Brasil dos séculos XIX e XX. A família Terra-Cambará vai sendo forjada no rigor das lidas do campo, das geadas, das invasões castelhanas, das revoluções, guerras e disputas políticas; assim como o país, que também terá na sua genética, índios, portugueses, espanhóis, paulistas, maranhenses, que acabarão por influenciar, juntamente com personagens da história política brasileira, os destinos de Santa Fé, do Rio Grande e do Brasil.

Como o sertão, a fronteira está em toda parte. “O tempo nacional torna-se concreto e visível no cronótopo do local, do particular...” (op. cit.), nos faz refletir o autor. Há, ainda, uma outra reflexão, quando as narrativas estabelecem as heranças culturais dos povos reunidos na geografia do pampa: ao índio, ao espanhol e ao português, juntaram-se os alemães e italianos entre outras etnias, todos cruzando as suas próprias fronteiras culturais para se adequar a nova terra, mas ainda assim mantendo as suas crenças e rituais, os seus hábitos e línguas:

A fronteira que assinala a individualidade da nação interrompe o tempo autogerador da produção nacional e desestabiliza o significado do povo como homogêneo. O problema não é simplesmente a “individualidade” da nação em oposição à alteridade de outras nações. Estamos diante da nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população. (op. cit., p. 209).

Em *Mau tempo no canal* de Vitorino Nemésio, o tempo é contado a partir das festas do Divino, das procissões, da sociedade dividida em castas, ou

mais precisamente em duas: a dos ricos, às voltas com seus chás e suas tragédias familiares; e a dos pobres, às voltas com a pesca da baleia e com a própria sobrevivência. Todos envolvidos pelo mar, personagem maior, de quem todos dependiam. O conflito que se estabelece entre os Clark-Dulmo, em franca decadência, e João Garcia, antigo empregado da família em pleno progresso financeiro, vai mostrando a troca do poder de mãos e o início de uma reorganização social inevitável na mudança dos tempos, e a confirmação de um sentido de permanência e pertencimento, apesar de tudo, a aquele universo.

Para Hobsbawn³, o significado de nação é praticamente inalcançável. Segundo ele, nem língua, nem etnia, nem território e história comum, ou outro critério qualquer consegue sobreviver a algum tipo de exceção, a não ser quando nação passa a ser entendida juntamente como Estado. Porém, o sentido de identidade ou pertencimento é inegável quando reconhecemos no texto literário a narrativa da nação ou o que Benedict Anderson⁴ chama de “nação narrada”. É o que se identifica em *O tempo e o vento* e em *Mau tem no canal*: “a” ou “uma” narrativa da nação ou da construção de uma identidade a partir de outra, fortemente ligada àquela geografia, cujo o símbolo maior é o vento, ou o mar, sempre presente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Onésimo Teotônio. Vitorino Nemésio e a tipologia do Açoriano. Comemoração do 10º Aniversário de morte. **Revista Arquipélago**, Ponta Delgada, 1988.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BORGES, Jorge Luis. **El oro de los tigres**. Buenos Aires: Emecé Editores, 2005.

³ HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo – desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.15.

⁴ ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

Cadernos de Literatura Brasileira. N.16. Instituto Moreira Sales, Novembro, 2003.

GOUVEIA, Maria Margarida Maia. **Vitorino Nemésio – estudo e antologia.** Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1986.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo – desde 1780.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

OLIVEIRA, Álamo. **Pátio d’Alfândega – meia-noite.** Lisboa: Veja, 1999.

VERÍSSIMO, Érico. **O tempo e o vento – O continente.** São Paulo: Globo, 1994.

VERÍSSIMO. Érico. **Solo de clarineta.** São Paulo: Globo, V.1, 1994.